



**O TEATRO ARTHUR AZEVEDO:
espaço de minhas memórias¹**

**EL TEATRO ARTHUR AZEVEDO:
espacio de mis recuerdos**

**THE ARTHUR AZEVEDO THEATER:
space of my memories**

Luiz Roberto de Souza (Luiz Pazzini)

"Estou cercado de homens que não conheço num velho elevador de armação metálica que range durante a ascensão... Tenho hora marcada com o CHEFE que em pensamento eu chamo de NÚMERO UM..." Qual é a minha missão? O mundo está se despedaçando lá fora em milhões de fragmentos que se chocam uns com os outros, provocando colisões que geram novas energias construtivas e destrutivas. E o que faço EU? Estou dentro de um círculo de luz no palco do Teatro Arthur Azevedo, no ano de 1998, na minha estreia teatral no Maranhão, com o grupo *Ya'Wara*, na "terra das palmeiras onde canta o sabiá", na "Atenas brasileira", na "terra dos amores", na "ilha rebelde". Como romper o círculo mágico de luz que me envolve? Tenho um tigre dentro de mim. Minha boca está aberta, meus olhos estão arregalados, minha boca amordaçada, sobre mim caem os escombros do passado, de uma civilização eurocêntrica que nos tem transformado em escravos, em Terceiro Mundo. Quero voar, necessito voar, esta é a minha missão! Luto desesperadamente contra o desejo de consumo, de informação, das doses subliminares de informação da televisão... Não posso deixar que a informação mate a minha experiência que é o meu canal para a libertação. Saio do elevador. Meu corpo é lançado como um projétil em espaços desconhecidos, de ruptura, de transgressão. Cai a cortina da ilusão! Travessia. Perigo. Minha missão se amplia para o campo da educação teatral do cidadão na Universidade Federal do Maranhão. Vinte e três anos de doação, de comunhão de experiências, de colisões, de inseguranças, de medos, de desafios contra os

¹ Originalmente publicado em SANTOS, Celso José Brandão; PEREIRA, Angela Batista dos Santos; ARAÚJO, Anderson de (org.). *Teatro Arthur Azevedo: 200 anos*. São Luís, 2017. (catálogo promocional alusivo ao aniversário de 200 anos do Teatro Arthur Azevedo). O texto publicado aqui preserva a sua estrutura original, inclusive grifos especiais sugeridos pelo autor.

espaços internos e externos do sistema coercitivo de nossa “jovem democracia” que vem sendo traída historicamente. Repetem sempre o que dá certo: massacrar! A escravidão continua: das comunidades dos negros, dos brancos, dos índios, dos sertanejos, das mulheres, da LGBT, dos velhos, dos jovens, das crianças. Matam tudo ao seu redor com sua arrogância e corrupção de somente TER. Faço meu inventário. Que tipo de homem massa sou? Continuo a pesquisa da memória maranhense. Quão maravilhoso foi o diálogo com tantas singularidades pessoais in processo. Memória e encenação em movimento. Performatividade. Teatralidade. Liminaridade. Grupo Cena Aberta! O tema da libertação da escravidão negra discutida em A Missão (Lembranças de uma revolução), de Heiner Müller, na década passada, está em progressão, ampliando para a discussão sobre o processo revolucionário nas Antilhas com o espetáculo Diálogo das Memórias: Imperador Jones, e outra vez, sob o palco do Teatro Arthur Azevedo, em seus corredores e porões que foram transformados em navio negreiro. Assim, sobre e sob o seu palco inicio a construção da memória maranhense. Abrem-se as cortinas do palco da memória da Balaiada. O ciclo da pesquisa parte do universal para o particular, e em espiral histórica se projeta *ad infinitum*, mesmo porque a luta apenas começou, porque as novas máscaras do terror se avizinham no futuro "(...) que me esmaga os olhos, fazendo saltar as minhas pupilas como uma estrela". E aqui estou eu, outra vez, sob a mira de um canhão de luz, em 2016, no palco do Teatro Arthur Azevedo, poetizando a Revolta da Balaiada com os versos do prólogo de Henrique V, de William Shakespeare: "Permita-me, poeta bardo, a licença poética, transferindo o prólogo de sua obra Henrique V, para esta terra. Permita que eu supra como narrador as lacunas da história oficial maranhense em que com vestes manchadas de sangue, colocaram a coroa de louros na cabeça dos algozes, de um dos mais sangrentos genocídios do Brasil. Rogo vossa bondosa indulgência para que escuteis e julgueis tranquila e bondosamente nossa peça, fazendo da memória de nossos mortos a resistência dos afrodescendentes do Maranhão". Como iria imaginar que receberia uma homenagem, e nesta incluo todos os meus companheiros de jornada teatral, pela nossa contribuição ao teatro do Maranhão! Gratidão, uma simples palavra que vem do meu coração àqueles que acreditaram no meu trabalho, no meu ofício de artista-docente. A fertilidade e a embriaguez que emana do deus Dioniso transgride espaço e tempo histórico, fazendo do acontecimento ancestral do teatro um continuum de comunhão entre palco e plateia. Teatro que tem função de divertir fazendo pensar, e assim, educar os espíritos dos cidadãos em direção a uma educação estética compromissada e responsável com as questões sociais e políticas de nossa pólis contemporânea. O artista é um

trabalhador como outro qualquer, mas um oficiante-doador, que possui um "mana" que envolve sua performance, transformando-o com poderes de persuasão e convencimento. A humildade deve fazer parte da sua índole. Trabalho árduo de educação espiritual, pois ao "vestir máscaras terríveis e generosas, pode levar para o convívio entre os homens a suprema arrogância de ser um espírito acima do outro. Dyoniso doa, mas também elimina os seus aprendizes que não encarnam o espírito humano em sua plenitude, seja na vida pública ou privada. Nestes dois séculos de história do Teatro Arthur Azevedo, só nos resta transformarmos em CORO de Téspis – O primeiro ator, aquele que encarnou Dionyso - e prestar assim nossa homenagem: EVOÉ BACO...